

Crescendo na crise: a expansão da S. A. Fábrica Votorantim e sua liderança no setor têxtil paulista (1918-1931)¹

Gustavo Pereira da Silva²
Armando Dalla Costa³

Resumo: A compreensão dos grupos econômicos brasileiros apresenta uma lacuna, sobretudo, no entendimento de como esses grupos se formaram na primeira metade do século XX. O Grupo Votorantim, oitavo maior grupo na economia nacional, surgiu no final do século XIX, mas ganhou sua definição empresarial em 1918, quando foi adquirido pelo empresário Antonio Pereira Ignácio. Nas décadas de 1920 e 1930, o principal empreendimento da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (SAFV) era a fábrica têxtil, localizada em Sorocaba (SP), próxima dos outros empreendimentos do grupo (ferrovia, cal e cimento, venda de terrenos). Analisando fontes primárias da SAFV (Balanços Gerais, Demonstrações de Lucros e Perdas, Relatórios de Diretoria) e os levantamentos sobre a indústria paulista, evidenciamos sua evolução ao posto de principal empresa têxtil de São Paulo na década de 1930. Três fatores fundamentaram esta evolução: sua constituição como um grupo econômico, sua administração familiar e suas ligações com o setor financeiro paulista.

Palavras-Chaves: Votorantim, grupo econômico, têxtil.

Abstract: Understanding the Brazilian economic groups presents a gap, especially in understanding how these groups were formed in the first half of the twentieth century. The Votorantim Group, eighth largest group in the national economy, emerged in the late nineteenth century, but gained its business definition in 1918, when it was acquired by businessman Antonio Pereira Ignacio. In the 1920s and 1930s, the major undertaking of Anonymous Votorantim Plant Society (SAFV) was a textile factory, located in Sorocaba (SP), close to the other group undertakings (railway, lime and cement, land sales). Analyzing primary sources of SAFV (General Balance Sheets, Profit and Loss Statements, Board Reports) and withdrawals on the São Paulo industry, we noted its evolution to the main station textile company from São Paulo in the 1930s. Three factors substantiate this evolution: its constitution as an economic group, its family management and its links to the Paulista financial sector.

Keywords: Votorantim, business group, textile.

1 - Introdução

Na década de 1920, o Estado de São Paulo respondia por 66,5% das exportações de café, a principal atividade econômica do Brasil até então (Lapa, 1983, p. 14; Cano, 2002, p. 52 e 68). Entrementes, a indústria paulista era a de maior relevância nacional, pois, em 1919, 31,5% do valor produção industrial brasileira vinha de São Paulo,

¹ A pesquisa é resultado parcial do projeto *S.A. Indústrias Votorantim (1925-1980): formação e expansão de um grupo econômico no desenvolvimento industrial do Brasil* pertencente à Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES n. 43/2013.

² Doutor em História Econômica pelo Instituto de Economia da UNICAMP. Professor Adjunto no Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. gustavopereira@ufpr.br

³ Doutor em História Econômica pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e Pós-Doutor pela Université de Picardie Jules Verne, Amiens. Professor Associado no Departamento de Economia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná. ajdcosta@uol.com.br

secundado pelo estado do Rio de Janeiro com 28,2% do total. Dos variados setores industriais, o têxtil se notabilizava como o mais expressivo, tanto no nível estadual quanto federal: em 1919, 29% do produto industrial brasileiro teve origem no setor têxtil, cifra análoga à participação dos têxteis na indústria paulista, sendo que São Paulo abrigava 30% das fábricas têxteis brasileiras e 27% do capital investido no setor, além de 34% dos operários nacionais (Negri, 1996, p. 37; Baer, 2002, p. 60; Loureiro, 2006, p. 32)⁴.

Uma estrutura de oligopólio competitivo grassava no setor têxtil paulista, pois 70% do capital investido vinham de apenas 12,5% das fábricas que, além disso, empregavam 70% dos trabalhadores têxteis. A explicação para tamanha concentração estava nos condicionantes à montagem das fábricas têxteis, sobretudo as maiores: vários fusos e teares implicavam na aquisição de muitas máquinas e, principalmente, investimentos na geração de energia para alimentar a produção. Dos ramos que compunham o setor têxtil no estado de São Paulo – fiação e tecelagem de *algodão*, fiação e tecelagem de *juta*, fábricas de *seda natural* e *artificial* (rayon), as *malharias* e as fábricas de *lã* – o ramo algodoeiro era o principal, pois enquanto suas fábricas representavam 31,5% do setor têxtil, ao mesmo tempo, nelas estavam 64,5% do capital do setor, somavam 60,6% dos trabalhadores têxteis e 74,6% da força motriz, elementos que reunidos permitiam ao ramo algodoeiro alcançar 43,4% da produção (em contos de réis) do setor (Aureliano, 1999, p. 40; Loureiro, 2006, p. 33)⁵.

⁴ O crescimento industrial visto na economia brasileira durante a Primeira República – predomínio da formação de uma indústria de bens de consumo assalariado – teve como indutor a rentabilidade e oportunidades geradas pelo café. Mão-de-obra, mercado consumidor, cambiais para a importação de máquinas e matérias-primas, o desejo dos fazendeiros em rebaixar os custos de manutenção da mão-de-obra através da produção interna de alguns gêneros (como roupas), estes fatores foram suscitados pelas exportações cafeeiras e encontraram ressonância de um setor industrial cuja tecnologia já estava consolidada nos países desenvolvidos, ao final do século XIX, possibilitando plantas industriais de menor escala – comparadas ao setor de bens de capital, como a siderurgia – e com aportes de capitais mais compatíveis à realidade dos empresários brasileiros, que puderam importar máquinas e formar um setor têxtil nacional (Mello, 2009; Cano, 1981; Aureliano, 1999; Silva, 1995).

⁵ A preeminência do algodão no setor têxtil, que organizou as primeiras manufaturas na década de 1840, deve-se a fatores presentes no século XIX: oferta de matéria-prima em algumas regiões do Brasil, como o Norte-Nordeste e no interior de São Paulo; a expansão das economias regionais a demandar, por exemplo, vestuário, sacaria para armazenagem dos produtos; oferta de mão-de-obra barata; além de alguma proteção à indústria nacional, que eventualmente se valia da elevação dos impostos de importação (como a Tarifa Alves Branco em 1844) e/ou da desvalorização cambial (Suzigan, 2000, p. 130).

Uma das maiores fábricas têxteis paulistas nas décadas iniciais do século XX era a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, localizada na cidade de Sorocaba. A empresa foi criada em 1891 pelo Banco União de São Paulo – o maior banco paulista do período – e, com a falência do banco em 1917, arrematada pelos empresários Antonio Pereira Ignácio e Francisco Scarpa em janeiro de 1918. Nos 20 anos subsequentes, a Fábrica Votorantim converteu-se de parte da massa falida do Banco União para o posto de principal firma têxtil do Estado de São Paulo – segundo o montante do capital investido – no ano de 1931, fato que se repetiria o período 1935-1937.

Em que pese relevantes trabalhos terem se debruçado sobre o setor têxtil paulista, tais estudos o fizeram de uma maneira setorial, na maioria das vezes, sem tomar como objeto de análise uma empresa específica, suas políticas de gestão e seus resultados contábeis no período do Entreguerras⁶. No caso da Fábrica Votorantim, os trabalhos⁷ arrolados demonstram uma preocupação maior com o processo de internacionalização do Grupo Votorantim, processo que se adensou na década de 1980, permanecendo lacunas sobre o evoluir dos negócios têxteis, a atividade central do grupo até o final dos anos 1930. Ademais, a lacuna apontada é de extensão mais ampla se considerada a escassez de informações sobre a origem dos maiores grupos econômicos do Brasil, lista que, para o ano de 2007, colocava o Grupo Votorantim como o principal conglomerado industrial na economia brasileira, ao lado de empresas estatais e bancos que comungam o fato de terem surgido antes da década de 1960 (Aldrighi e Postali, 2010, p. 355-356)⁸.

⁶ (Stein, 1979; Loureiro, 2006; Baer, 1975; Carone, 2001; Cano, 1981; Negri, 1996; Suzigan, 2000; Dean, 1971; Versiani e Versiani, 1977; Ribeiro, 1988). Um estudo específico sobre uma faz mais importantes firmas têxteis fluminenses é de Weid, Elisabeth von der. *O fio da meada: estratégia de expansão de uma indústria têxtil: Companhia América Fabril, 1878-1930*. Rio de Janeiro: FCRB: CNI, 1986.

⁷ (Santos, 2008). Devemos registrar que alguns trabalhos se reportaram às figuras-chaves para o desenvolvimento do Grupo Votorantim, caso de Scantimburgo, J. *José Ermírio de Moraes: o homem, a obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975; e Pastore, J. *Antonio Ermírio de Moraes: memórias de um diário confidencial*. São Paulo: Planeta, 2013. Nesta mesma linha hagiográfica situa-se a obra Caldeira, J. *Votorantim 90 anos: uma história de trabalho e superação*. São Paulo, SP: Mameluco, 2007.

⁸ Os dez maiores grupos econômicos do Brasil em 2007 eram, em ordem crescente de receita bruta (em parênteses o ano de fundação): Fiat (1899), Gerdau (1909), Votorantim (1892), Ambev (1999), Telefônica (1924), Banco do Brasil (1808), Itaú (1945), Vale (1942), Bradesco (1943) e Petrobrás (1953) (ALDRIGHI e POSTALI, 2010, p. 355-356). Existem trabalhos que traçam um panorama histórico dos grupos econômicos brasileiros, mas que não empreenderam análises mais específicas, sobretudo ao período da primeira metade do século XX, caso de Bonelli (1998) e Gonçalves (1999).

Diante disso, o artigo tem como objeto o evolver da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim – doravante SAFV (grupo de empresas) ou Fábrica Votorantim (referindo-se somente à firma têxtil) – razão social da fábrica têxtil e de investimentos paralelos que compunham o grupo econômico liderado por Antonio Pereira Ignacio e José Ermírio de Moraes nas décadas de 1920 e 1930. O foco recai sobre a atuação da Fábrica Votorantim no setor têxtil paulista entre 1919-1937, buscando compreender como ocorreu a reestruturação da empresa e do grupo após a falência do Banco União de São Paulo em 1918 – seu controlador até então – e, sobretudo, como se deu a guinada empresarial da Fábrica Votorantim, que a transformou na maior firma têxtil de São Paulo na década de 1930. Para tanto, utilizamos as demonstrações contábeis da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (Balanços Gerais e Demonstrações de Lucros e Perdas), os Relatórios da Diretoria da SAFV e os levantamentos sobre a indústria paulista no Entreguerras (Estatística Industrial de São Paulo e Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio do Estado de São Paulo). De antemão, vemos três fatores que fundamentaram a evolução da Fábrica Votorantim no setor têxtil paulista: sua constituição como um *grupo econômico*, sua *administração familiar* e suas *ligações com o setor financeiro* paulista. A Votorantim tinha como atividade central a fábrica têxtil em Sorocaba, mas tratava-se de um grupo econômico composto por outros empreendimentos (ferrovia, cimento e cal) que reduziam os custos produtivos e de transação, por exemplo, no transporte de suas mercadorias. De outra parte, a SAFV tinha ligações diretas com o maior banco paulista dos anos 1920, o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo – que fazia parte do conselho fiscal do grupo –, nexos que permitia à firma valer-se do capital de terceiros para financiar suas amplas atividades industriais. E, por fim, a administração familiar, marcada pelo controle acionário do grupo por Antonio Pereira Ignácio e a gerência de José Ermírio de Moraes a partir de 1925, possibilitou uma política de não distribuição de dividendos que reforçava as reservas da empresa, capitais que seriam de grande valia quando da Crise de 1929. Estas três bases foram de suma importância à expansão da Fábrica Votorantim frente às congêneres, que se traduziria em uma saída mais célere da Crise de 1929 e chegando à liderança no setor têxtil paulista, alcançada no começo dos anos 1930 e apresentada em outros momentos daquela década.

2 – Sociedade Anônima Fábrica Votorantim: as origens de um grupo econômico brasileiro

O processo histórico de formação das maiores empresas nos países desenvolvidos – principalmente nos Estados Unidos – teve nas análises de Chandler a consolidação de um modelo de grande empresa moderna: empresas multidivisionais, administradas por diretores e gerentes de caráter técnico – em substituição aos familiares do fundador –, e integradas vertical e horizontalmente, com controle forte sobre as diversas etapas do processo produtivo e comercial, que podia se iniciar da compra da matéria-prima até à venda final do produto manufaturado, controle que se dava através formação, fusão ou aquisição de empresas relacionadas com as atividades pertencentes ao portfólio da firma integradora (Chandler, 1962; 1977; 1990). Todavia, o modelo chandleriano não deve ser aplicado inadvertidamente aos processos históricos das grandes empresas, pois há que se considerar que, por exemplo, ao passo que nos Estados Unidos do final do século XIX diversas eram as empresas maduras nos mais variados ramos da indústria e do comércio; por sua vez, no Brasil, o crescimento industrial e a própria formação de um mercado interno se iniciavam, precocidade que gerava lacunas em diversos setores fundamentais à indústria, como a geração de energia (Colpan e Hikino, 2010, p. 20; Saes, 2010, p. 112).

Dada esta inadaptabilidade do enfoque chandleriano, o enquadramento teórico das grandes empresas de economias emergentes no começo do século XX – América Latina e Ásia – buscou no conceito de *grupos econômicos* uma melhor compreensão deste objeto⁹. Em que pese os grupos econômicos não serem conceituados de maneira unívoca, as definições mais usuais os descrevem como grupos de empresas que podem ser juridicamente independentes, mas que atuam de maneira conjunta através de laços formais – como o patrimônio – e/ou informais, como família¹⁰. Estes grupos caracterizam-se pela atuação diversificada que, no caso dos grupos econômicos

⁹ Os grupos econômicos receberam diferentes nomenclaturas nos países emergentes: na Coreia do Sul são os *chaebols*; na Índia os *business houses*; na Turquia as *holding companies*; e, na América Latina se consagrou, inclusive o Brasil, de *grupos econômicos* (Kim, Kandemir e Cavusgil, 2004, p. 14).

¹⁰ Esta caracterização dos grupos econômicos enquanto conjunto de empresas independentes que atuam de maneira congregada pode ser encontrada em Granovetter (2005, p. 429), Khanna e Yafhe, (2007, p. 331), Colpan e Hikino (2010, p. 17) e Gonçalves (1991, p. 181).

brasileiros, deve se dar pelo menos em três setores industriais (Aldrighi e Postali, 2010, p. 371).

A união com outras empresas independentes para formar grupos econômicos tendia a minimizar os obstáculos à atuação destas companhias em mercados nascentes nos países em desenvolvimento, diminuindo os custos de transação. Questões fundamentais no cotidiano empresarial como o acesso ao crédito, às fontes de matérias-primas, ao transporte das mercadorias finais, a instabilidade dos marcos regulatórios, a diversidade dos produtos e as próprias flutuações econômicas conjunturais tinham na formação de grupos econômicos uma resposta às condicionalidades de mercados imperfeitos (Leff, 1978, p. 666-675; Barbero, 2011, p. 5-6; Kim, Kandemir e Cavusgil, 2004, p. 3).

A comandar os grupos econômicos, como no caso brasileiro, comumente vemos famílias – Ermírio de Moraes, Gerdau, Setúbal e Vilela dentre outras – que detêm posições de controle nestas alianças de empresas¹¹. Articuladas em uma cadeia de gestão piramidal, ou eventualmente como holdings, estas famílias comandam as empresas através do controle acionário do grupo – pressupondo a paridade ação-voto –, maioria acionária que pode ser resultado de um único grande acionista – o fundador ou comprador da empresa – ou de alguns familiares com posse relevante de papéis do grupo, sendo que alguns destes indivíduos traduzem o controle da família através da participação direta em posições de controle estratégico da empresa, como a presidência ou gerência (Granovetter, 2005, p. 433; Colpan e Hikino, 2010, p. 16; Fernandez-Perez, 2010, p. 148; Fernandez-Perez, 2012, p. 281).

Dentre os dez maiores grupos econômicos brasileiros em 2007 constava o Grupo Votorantim, notadamente o maior dos grupos privados a atuar na indústria e cujas origens remontam ao final do século XIX. Em julho de 1891, o Banco União de São

¹¹ Em 2007, dos 50 maiores grupos econômicos atuando no mercado brasileiro, 15 eram comandados por famílias nacionais, enquanto 21 eram controlados por firmas estrangeiras – que podiam ser firmas familiares -, 8 grupos eram dirigidos por firmas privadas e/ou fundos de pensão nacionais, 5 grupos eram estatais e 1 grupo era chefiado de maneira conjunta por uma família brasileira e uma empresa estrangeira (Aldrighi e Postali, 2010, p. 372).

Paulo adquiriu terras na localidade paulista de Sorocaba¹². A região era o principal centro algodoeiro de São Paulo e nas terras compradas situava-se uma cachoeira de nome Votorantim (no Rio Sorocaba)¹³. Esta queda d'água possibilitou ao banco solucionar uma questão-chave ao funcionamento de sua Fábrica de Chitas¹⁴ Votorantim, unidade fabril têxtil formada em 1891 e que passou a funcionar no ano seguinte, quando a pequena usina hidrelétrica construída pelo banco também foi concluída e passou a alimentar os teares e fusos da fábrica¹⁵. Estes dois empreendimentos foram complementados pelo banco que, a fim de viabilizar a chegada de matéria-prima e o escoamento da produção, engendrou uma ferrovia – a Estrada de Ferro Votorantim – que, apesar de sua pequena extensão de somente 8 quilômetros, servia para interligar o distrito de Votorantim à cidade de Sorocaba, onde se encontravam com os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana a unir o mercado local ao estadual (Silva, 2011, p. 234; EFEV, p.1)¹⁶.

Tendo no Banco União de São Paulo seu proprietário e principal fonte financiadora, a Fábrica Votorantim constava como a terceira maior empresa têxtil algodoeira paulista em 1909, segundo o capital investido, em uma conjuntura econômica marcada pela subida dos preços do café pós-Plano de Valorização e a estabilização do câmbio, além do crescimento demográfico – sobretudo com a chegada dos imigrantes – fatores que impulsionaram a demanda por artigos de vestuário e fomentaram a importação de máquinas têxteis (Suzigan, 2000, p. 154-155; Carone, 2001, p. 204-205).

¹² O Banco União de São Paulo, que tinha como presidente o senador Antonio de Lacerda Franco e em sua diretoria outros representantes do grande capital cafeeiro, foi criado em janeiro de 1890 e, em 1892, era o maior banco paulista de acordo com o volume de seus ativos (Hanley, 2005, p. 155).

¹³ Na primeira década do século XX, a região de Sorocaba era responsável por 80% da produção de algodão paulista (Carone, 2001, p. 93).

¹⁴ Chita era um tecido de algodão importado, principalmente da Inglaterra, e posteriormente estampado no Brasil.

¹⁵ Como a maior parte da produção energética do estado de São Paulo se destinava ao consumo doméstico os empreendimentos industriais tinham na viabilização energética um grande desafio ao funcionamento de suas instalações. Disto vinha a preferência por situar as plantas industriais próximas aos rios e suas quedas d'água, que permitiam a construção de pequenas usinas hidrelétricas que alimentariam as fábricas (Carone, 2001, p. 81-86).

¹⁶ Inicialmente, a Estrada de Ferro Votorantim contava com 5 locomotivas, 30 vagões de carga, 8 carros de passageiros e 1 carro especial para autoridades, além de 1 carro fúnebre (EFEV, p.1).

Esta conjuntura favorável aos investimentos industriais foi revertida a partir de 1914, com as dificuldades econômicas impostas pela I Guerra Mundial, sobretudo com a diminuição dos fluxos comerciais do exterior, implicando em dificuldades na obtenção de matérias-primas – caso dos tecidos ingleses posteriormente finalizados no Brasil – e equipamentos. Ademais, com a queda nos preços do café, houve uma fuga de cambiais do sistema bancário paulista – que levou ao fechamento da Caixa de Conversão – gerando a falência de algumas instituições financeiras (Saes, 1986, p. 144; Villela e Suzigan, 1973, p. 128). Uma delas foi o Banco União de São Paulo que, em 9 de janeiro de 1918, viu ser leiloados seus ativos, dentre eles a Fábrica Têxtil Votorantim (fiação, tecelagem e estamparia), que foi arrematada pelos empresários português Antonio Pereira Ignácio e o italiano Francisco Scarpa – que até então eram fornecedores da Fábrica Votorantim¹⁷ – além de outros acionistas menores, pelo valor de 5 mil contos de réis, montante que se dizia ser oito vezes menor que o valor dos ativos adquiridos, pois além da unidade têxtil sorocabana, com seus estoques e maquinários, eles se tornaram proprietários da Estrada de Ferro Votorantim e de jazidas de cal, as Caieiras de Ituparanga, que também eram atendidas pela ferrovia particular da Votorantim¹⁸ (SAFV, 1918-1919; Marcovitch, 2009, p. 234)¹⁹.

¹⁷ Antonio Pereira Ignácio fornecia algodão descaroçado através de sua empresa, a Fábrica de Óleos Santa Helena, situada em Sorocaba (SP). O italiano Francisco Scarpa, através da F. Scarpa & Filho, casa importadora de gêneros diversos, tinha um armazém dentro das instalações da Fábrica Votorantim para atender os funcionários da firma têxtil (Lloyd et al, 1913, p. 651 apud <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g39i.htm>.)

¹⁸ A Fazenda do Ituparanga era propriedade do Banco União de São Paulo no começo do século XX. Situada próxima à Sorocaba, nela existiam quedas d'água do Rio Sorocaba que possibilitaram a formação de uma usina hidrelétrica que fornece energia para empresas do Grupo Votorantim até hoje. Além disso, a barragem atualmente fornece água aos municípios de Ibiúna, Sorocaba, Votorantim, São Roque e outros da região. Nas terras da fazenda eram exploradas jazidas de cal, as caieiras de Ituparanga.

¹⁹ Em 1918, na Fábrica Votorantim havia 1.300 teares e 66.000 fusos, o que fazia dela a segunda maior fábrica têxtil paulista em capacidade produtiva, atrás somente do Cottonificio Crespi (cidade de São Paulo). A fábrica sorocabana produzia algodões, chitas, morins, brins, cassas, lenços, toalhas, e flanelas, empregando nestas atividades 1.800 operários. A fábrica tinha uma área construída de 100.000 metros quadrados e os terrenos anexos somavam 1,88 milhão de metros quadrados, ademais, havia 1.500 alqueires de terras de cultura, campos e matas. Em relação à Estrada de Ferro Votorantim, havia quatro locomotivas de quatorze toneladas, sete vagões de passageiros e vagões de carga (Marcovitch, 2009, p. 234-235).

Tabela 1: Empresas componentes da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, 1918-1935.

Nome da empresa	Ano de criação	Cidade	Produção/Finalidade
Fábrica Votorantim	1892	Votorantim (SP)	tecidos de algodão*
Fábrica Rodovalho	1892	Sorocaba (SP)	cimento
Caieiras de Itupararanga	Desconhecido	Sorocaba (SP)	cal
Estrada de Ferro Elétrica Votorantim	1893	Sorocaba (SP)	transporte

Fonte: SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1921-1939.

*A partir de 1933, a Fábrica Votorantim passa produzir óleo de algodão em suas instalações sorocabanas.

Nota: na análise posterior embasada nas demonstrações de lucros e perdas da SAFV aparece a rubrica Diversos (tabela 3 adiante), que englobava outros investimentos do grupo, como a pequena usina hidrelétrica que fornecia energia à fábrica têxtil; e investimentos pretéritos de Antonio Pereira Ignácio, como a usina hidrelétrica do Pilar, unidades descarçadoras de algodão e produtoras de óleo vegetal na região de Sorocaba, empreendimentos que seriam colocados no rol de ativos da SAFV no final da década de 1920. Optamos por não colocá-los na tabela acima em virtude destes empreendimentos não serem descritos de maneira individualizada nos demonstrativos financeiros do grupo nos anos 1920, tampouco constarem como firmas listadas na Estatística Industrial de São Paulo.

Em virtude de desavenças com o sócio, Francisco Scarpa vendeu sua participação na Fábrica Votorantim para Pereira Ignácio por dois mil contos de réis, tendo recebido também a Fábrica de Óleos Santa Helena, que era propriedade de Pereira Ignácio. O português, que já era um dos mais prósperos empresários paulistas, aceitou a oferta e fez da Votorantim seu principal investimento, concentrando esforços no setor têxtil paulista através do controle acionário da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (Marcovitch, 2009, p. 236)²⁰.

²⁰ Antonio Pereira Ignácio, português que chegou ao Brasil em 1884 com 10 anos de idade para viver com sua família na cidade paulista de Sorocaba, iniciou a trajetória econômica no Rio de Janeiro, trabalhando na casa importadora de tecidos do português João Reinaldo Faria. Com o cabedal acumulado, voltou para a região sorocabana no final do XIX e investiu no setor algodoeiro, chegando a ser proprietário de 14 empresas descarçadoras de algodão espalhadas pela cidade de Boituva, Porto Feliz, Tatuí e Conchas, localidades situadas entre Piracicaba e Sorocaba. Utilizando a mesma matéria-prima, ele montou em 1905, na cidade de Sorocaba, a Fábrica de Óleos Santa Helena, que descarçava o algodão a ser vendido às empresas têxteis e também produzia o óleo. No setor têxtil, ele era adquiridor de três tecelagens: Fábrica Paulistana, Fábrica Luzitânia e Fábrica Lucinda. Ademais, Pereira Ignácio diversificara seus negócios comprando a Companhia Telefônica Sul Paulista e a Fábrica de Cimento Rodovalho (Marcovitch, 2009, p. 235; Caldeira, 2007, p. 18).

Tabela 2: Quadro de acionistas da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim em 15 de fevereiro de 1924.

Nome do Sócio	Número de ações (total de 25.000 ações)
Antonio Pereira Ignácio (presidente)	12.500
Pereira Ignácio & Cia.	12.360
Zeferino de Freitas Guimarães	20
Antonio Oliveira Penteadado	20
Paulo Pereira Ignácio	20
A. de Carvalho e Silva	20
Jorge Nielsen	20
Mario Goulart de Faria	20
João Pereira Ignácio	20

Fonte: SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14/02/1925, p. 1233.

Comandado pela família Pereira Ignácio, uma vez que, segundo a tabela 2 acima, Antonio tinha 99,44% das ações do grupo em 1924 – a Pereira Ignácio & Cia. era a reunião de seus diversos empreendimentos individuais – e seus filhos Paulo e João Pereira Ignácio possuíam cada um 0,08% das ações, o que punha em mãos da família um total de 99,60% dos papéis do grupo. Na década de 1920, a SAFV tinha uma gama de recursos produtivos em que se destacava a fábrica têxtil, empreendimento que centralizava as atenções do grupo e seria responsável por 80% das receitas da SAFV na década de 1920, conforme a tabela 3 abaixo²¹.

Tabela 3: Receitas da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, 1921-1927 – valores em contos de réis correntes

	1921	1922	1924	1925	1927
Votorantim (fábrica têxtil)	5.337	3.026	8.479	6.900	4.099
Itupararanga (cal)	438	227	416	456	1.031
Rodovalho (cimento)	83	44	46	32	47
Diversos	419	470	939	190	0
Estrada de Ferro Elétrica			71	114	825
Seção de Terrenos				765	799
Renda de imóveis	41	30	51	17	

²¹ SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 15/08/1922, p. 1222; 15/02/1923, p. 1184; 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 15/02/1928, p. 1471. O Relatório da Diretoria da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim para o ano de 1924 diz “Ser-nos-á desnecessário dizer que, quanto maior for a produção dos nossos tecidos, maiores serão os proventos de nossa sociedade...”.

Total	6.319	3.800	10.004	8.478	6.801
-------	-------	-------	--------	-------	-------

Fonte: SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 30/06/1922, p. 1922; 15/02/1923, p. 1923; 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 15/02/1928, p. 1471.

Nota: Os dados foram extraídos das Declarações de Lucros e Perdas publicadas no Diário Oficial do Estado de São Paulo. A diferença entre a soma dos itens da Receita e o total se deve ao arredondamento dos dados.

Em 1921, saída recentemente de um processo quase falimentar marcado por atrasos salariais e quebra no fornecimento de matéria-prima, a Fábrica Votorantim era a quinta maior firma de tecidos de algodão no Estado de São Paulo, de acordo com o capital investido, ficando atrás de firmas da capital paulista²². Com seus 1.300 teares (2º lugar) e 46.000 fusos (1º lugar), em que laboravam 1.800 operários (2º lugar), a Fábrica Votorantim combinaria, durante a década de 1920, a plena utilização de seus recursos produtivos e decisões administrativas, ampliando sua capacidade produtiva com novos investimentos que seriam fundamentais ao robustecimento da fábrica têxtil em meio à crise que recrudesceria na economia brasileira a partir de 1929.

3 – Sociedade Anônima Fábrica Votorantim: novos investimentos e as decisões empresariais na década de 1920

Após enfrentar dificuldades com a reposição de maquinário e fornecimento de matérias-primas durante a I Guerra Mundial (1914-1918), a indústria têxtil nacional iniciaria uma nova fase de investimentos na década de 1920. Favorecida, mesmo que indiretamente, por uma taxa de câmbio mais valorizada, principalmente entre 1924-1926, além de contar com a expansão dos meios de pagamentos – exceto pelo ano de 1926 – a importação de maquinaria têxtil para as firmas algodoeiras sextuplicaria entre 1921-1926 (Suzigan, 2000, p. 159-160; Cano, 2012, p. 903; Negri, 1996, p. 37)²³.

²² As maiores fábricas de tecidos de algodão do Estado de São Paulo, segundo o capital investido, eram: Cia. Nacional de Tecidos de Juta (10 mil contos de réis); Cottonifício Rodolfo Crespi (7.729 contos de réis); Fábrica de Tecidos Labor (7.600 contos de réis); Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet (6.419 contos de réis); e Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (6.000 contos de réis) (DEIC/SACOP/SP. Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio, 1916, p. 60-63).

²³ A economia brasileira teve percalços no início da década de 1920, com a retração na economia internacional, sobretudo devido às políticas protecionistas dos países industrializados no pós-I Guerra Mundial, o que gerou forte queda nos preços dos bens primários, caso do café, açúcar, borracha e algodão, resultando em grave desvalorização cambial. Esta conjuntura levou à elaboração do terceiro Plano de Valorização do Café em 1921, que reconduziu os preços do produto a patamares mais elevados e retomou a acumulação do setor cafeeiro a partir de 1922. Este instrumento da Valorização seria colocado nas mãos do Estado de São Paulo a partir de 1924, abrindo um período de elevada renda gerada pelas

A ampliação da capacidade produtiva na década de 1920 ocorreu de forma análoga nas firmas têxteis paulistas, sendo o Estado de São Paulo responsável pela produção de aproximadamente metade dos tecidos de algodão nacionais no decênio²⁴. No caso da Fábrica Votorantim, as instalações sorocabanas, que sofriam pela obsolescência dos equipamentos, receberam máquinas importadas e aprimoramentos nas já existentes que permitiram à SAFV, entre 1918-1923, dobrar sua produção têxtil – de quase 13 milhões de metros de tecidos para pouco mais de 24 milhões de metros²⁵. Além dos investimentos na fábrica têxtil, ocorreu a eletrificação e o alargamento de bitola dos trilhos da Estrada de Ferro Votorantim, que atendia, além da fábrica têxtil, as Caieiras de Itupararanga e a Fábrica de Cimento Rodovalho²⁶.

Para executar estes investimentos, a SAFV adotou duas medidas administrativas que apontam para uma estratégia de financiamento calcada no capital próprio e nas ligações financeiras possibilitadas pelo seu corpo diretivo. Primeiro, o Conselho Fiscal da SAFV aprovou de forma contínua, entre 1921 e 1931, a *não distribuição de dividendos* aos acionistas, medida indicada pela diretoria do grupo, que era controlada por Antonio Pereira Ignácio (diretor-presidente) e, a partir de julho de 1926, tinha também seu genro José Ermírio de Moraes (diretor-gerente), que se tornou o

exportações cafeeiras – naquele ano, o grão representou 75% das exportações nacionais – entre 1924-1928, possibilitando a valorização da moeda nacional, o que fomentou a importação de máquinas estrangeiras às empresas têxteis, em uma conjuntura favorável aos investimentos industriais que seria quebrada com a Crise de 1929 (Fritsch, 1989, p. 46-62; Cano, 2012, p. 902; Baer, 2002, p. 51).

²⁴ Em 1920, as firmas do setor têxtil algodoeiro paulista tinham um total de 16.100 teares e 524.000 fusos que produziram 186.500.000 metros de tecidos. Já, em 1928, elas possuíam 22.800 teares e 730.800 fusos que produziram 191.100.000 metros de tecidos. Em que pese o aumento da produção não ter sido tão elevado comparado ao da capacidade produtiva, o aumento da produção nas firmas têxteis paulistas entre 1920-1928 contrasta com a queda na produção de tecidos de algodão vista no restante do país, pois em 1920, excluindo São Paulo, as firmas nacionais produziram 400.700.000 de metros de tecidos, enquanto em 1928, esse número caiu para 390.900.000 de metros (Cano, 1981, p. 293).

²⁵ No Relatório da Diretoria da SAFV relativo ao ano de 1923 consta que “Adquirimos o estabelecimento em julho de 1917, sendo que, nesse ano, foi quase nula a sua eficiência de trabalhos, em virtude da reforma geral que a fábrica necessitava”. Ademais, “No tocante aos melhoramentos aplicados nos maquinismos existentes, verificamos, com a aplicação prática na fiação, que o processo de uniformização de uma só canilha produz um aumento de 26%, com diminuição de 20% da mão-de-obra” (SAFV, 1923, p. 3).

²⁶ A eletrificação e o alargamento da bitola proporcionaram um crescimento no fluxo de passageiros e no transporte de mercadorias pela Estrada de Ferro Elétrica Votorantim, visto que, em 1918, foram comercializados 62.087 bilhetes de passageiros e transportadas 69.054 toneladas de mercadorias. Ao passo que, em 1923, foram vendidos 174.122 bilhetes de passageiros e transportados 948.829 toneladas de mercadorias (SAFV, 1923, p. 5).

responsável pelas questões produtivas do grupo²⁷. Esta forma de financiamento²⁸, que se vale do capital próprio do grupo empresarial, foi utilizada tendo como justificativa a necessidade de repor o maquinário que se tornava obsoleto²⁹.

Além do financiamento através da retenção de lucros, com a não distribuição de dividendos, a SAFV podia valer-se da utilização de capitais de terceiros. Para tanto, entre 1922-1931, o grupo tinha os seguintes membros em seu Conselho Fiscal: Manoel de Barros Loureiro; Araújo Costa & Cia. ; e o Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo (Comind), representado em alguns dos relatórios por Numa de Oliveira, presidente de seu Conselho Administrativo³⁰. Este banco, a principal casa bancária nacional a atuar no Estado de São Paulo nos anos 1920, caracterizava-se pela participação de seus diretores na diretoria de outras companhias, tendo a casa forte atuação no financiamento do grande capital cafeeiro paulista³¹, em uma simbiose entre grupos econômicos e instituições financeiras que garantia a provisão de capital aos negócios industriais, inclusive nas conjunturas econômicas adversas (Granovetter, 2005, p. 434)³².

²⁷ O pernambucano José Ermírio de Moraes, formado em engenharia de minas pela Colorado School of Mines (EUA), casou-se com Helena Pereira Ignácio (filha de Antonio) no dia 18 de maio de 1925 na cidade de São Paulo (Caldeira, 2007, p. 52).

²⁸ Acerca da não distribuição de dividendos como forma de financiamento da empresa ver Penrose (2006, p. 67-68).

²⁹ (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 15/08/1922, p. 1222; 15/02/1923, p. 1184; 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 15/02/1928, p. 1471; 23/02/1930, p. 1995; 22/03/1931, p. 2327; 25/02/1932, p. 15). No Relatório da Diretoria referente ao ano de 1929 consta “Atento aos constantes melhoramentos que vimos introduzindo nos diversos ramos, que constituem, em conjunto os fins e objetivos da Sociedade, *não é aconselhável a distribuição de dividendos*. A remodelação e aperfeiçoamento do maquinário exigiu o dispêndio de quantia avultada, que de futuro estamos certos, compensarão vantajosamente o sacrifício do presente” (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 23/02/1930, p. 1995).

³⁰ (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 15/02/1923, p. 1184; 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 15/02/1928, p. 1471; 23/02/1930, p. 1995; 22/03/1931, p. 2327; 25/02/1932, p. 15).

³¹ Em 1907, Antonio Prado e Francisco Antonio de Souza Queiroz eram diretores do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e também da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Ademais, J. Álvares Rubião Junior e J. Queiroz Lacerda eram diretores do banco e conselheiros da ferrovia, junto com Bento José de Carvalho, que era conselheiro nas duas firmas (Saes, 1986, p. 136).

³² As fontes de financiamento à indústria nacional, em que pese a carência de um banco de desenvolvimento antes de 1952, podiam vir do lançamento de debêntures e ações na Bolsa de Valores de São Paulo e do Rio de Janeiro, dos empréstimos concedidos pelos bancos, caso dos empréstimos hipotecários, e, também, dos capitais próprios. Houve uma expansão destas formas de crédito, que prescindiam da atuação estatal, entre 1890-1930, marcada, por exemplo, pelo aumento no número de empresas listadas nas Bolsas de Valores, sendo que 8,6% do capital negociado na Bolsa de São Paulo em

4 – Sociedade Anônima Fábrica Votorantim: a principal firma têxtil paulista no início dos anos 1930

O evoluir dos negócios da SAFV durante a segunda metade da década de 1920 espelha as flutuações vividas então pelo setor têxtil paulista. Conforme a tabela 4 abaixo, o ativo e o patrimônio líquido do grupo em 1925 apresentaram queda de -10,41% e -7,17% em relação ao ano anterior, declínio que deve ser imputado à forte estiagem que atingiu o Estado de São Paulo em 1924 e perdurou até 1925, gerando efeitos negativos à produção agrícola e industrial, afetadas, por exemplo, com as dificuldades no fornecimento de energia pelas hidrelétricas e de matérias-primas, como o algodão, o que se traduziu na redução da produção de tecidos por parte da Fábrica Votorantim, bem como de todo setor algodoeiro paulista (Cano, 1981, p. 292)³³.

Tabela 4: Variação real das contas do balanço patrimonial da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, 1924-1931 – variação real (ano base = 1924)

ANO	1925	1927	1929	1930	1931	1932	1933
Ativo (%)	-10,41	26,03	2,54	15,19	33,38	32,08	35,05
Passivo (%)	-12,26	9,86	8,84	21,49	36,98	32,93	32,16
Patrimônio Líquido (%)	-7,17	54,45	-8,53	4,11	27,04	30,60	40,13

Fonte: SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 16/02/1928, p. 1953; 22/03/1931, p. 2327; 25/02/1932, p. 15.

Nota: para obter a variação real das contas do balanço foi utilizado o Deflator Implícito do PIB elaborado pelo ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br/>) com base no trabalho de Haddad, Claudio Luiz da Silva. *Crescimento do produto real no Brasil, 1900-1947*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

A retomada do crescimento da SAFV veio de maneira robusta em 1927, ao contrário do que se passava com o ramo algodoeiro paulista que, entre os anos 1926-1928, apresentou uma queda de mais de 20% de sua produção, ao passo que aumentava a importação de tecidos pelo Porto de Santos. A Fábrica Votorantim, por sua vez, teve

1917 era proveniente de firmas têxteis (Hanley, 2005, p. 103; Marcondes, 2014, p. 759-782; Musacchio, 2009, p. 81).

³³ A produção de tecidos de algodão pelas fábricas de São Paulo foi de 230,8 milhões de metros de tecido no ano de 1924; 205 milhões em 1925; 238,7 milhões em 1926; 203,9 milhões em 1927; 191,1 milhões em 1928; 149 milhões em 1929; 135 milhões em 1930; 181,5 milhões em 1931; 200,6 milhões em 1932; e 232 milhões em 1933 (Cano, 1981, p. 292).

um crescimento de 26,03% em seu ativo e de 54,45% no patrimônio líquido, expansão marcada pelo aumento do capital social do grupo, que passou de 5.000 contos de réis para 20.000 mil contos em 1927. Ademais, enquanto muitas firmas algodoeiras amargavam queda na produção, outras, como a Fábrica Votorantim, demonstravam melhores indicadores calcados na produção de tecidos de maior qualidade – a fábrica sorocabana produzia tecidos tintos, alvejados e estampados (Loureiro, 2006, p. 50; Cano, 1981, p. 184; Suzigan, 1971, p. 93)³⁴.

A Crise de 1929 agudizou ainda mais o cenário adverso vivido pelo ramo algodoeiro, sobretudo devido à queda nos preços do café e seus efeitos declinantes na demanda por artigos têxteis. Refletindo a retração geral da indústria paulista entre 1929-1930, o setor têxtil teve queda acentuada no número de operários, na produção e nos valores que ele gerou, crise marcada pela paralisação de importantes firmas algodoeiras, caso do Cotonifício Scarpa S. A., que era a maior empresa do ramo³⁵. Conforme a tabela 4, houve um declínio no ativo da SAFV nos anos de 1929 e 1930, comparando-o ao cenário de 1927, em virtude da corrosão dos valores do estoque de mercadorias e matérias-primas e, também, dos ativos permanentes do grupo (fábrica têxtil, terrenos, cimento, ferrovia, fábrica de cal) – evidenciado na tabela 5 adiante. Queda ainda maior se deu com o patrimônio líquido em 1929, devido à utilização das reservas como forma de financiamento em meio à crise, a complementar a tomada de capitais de terceiros –

³⁴ As agruras do setor têxtil paulista entre 1926-1928 explicavam-se pela maior inserção dos tecidos estrangeiros no mercado nacional – sobretudo os ingleses -, sendo que estas mercadorias tinham uma grande demanda em virtude sua qualidade mais elevada e de preços competitivos, o último fator em virtude da baixa proteção alfandegária em contexto de crescimento dos preços internos. Ademais, a capacidade produtiva nacional foi amplamente acrescida na década de 1920, o que agravava o descompasso entre uma oferta crescente e uma demanda que era eventualmente desviada aos produtos importados (Luz, 1975, p. 179; Suzigan, 1971, p. 94).

³⁵ Em 1929, o Estado de São Paulo tinha 22 empresas têxteis com atividades paralisadas em decorrência da crise, sendo 15 do ramo algodoeiro. O número de operários no setor têxtil em 1930 era 28% menor do que em 1928, a produção de tecidos caiu 30% no mesmo período e o valor da produção em 1930 era quase 30% menor do que em 1928. No ramo algodoeiro, o operariado em 1930 declinou 44,2% em relação ao ano de 1928, queda que se deu de maneira análoga no valor da produção (22,1%) e no capital investido (10%) (Loureiro, 2006, p. 65; Suzigan, 1971, p. 96).

como demonstra o crescimento do passivo, que foi maior que do ativo e do patrimônio líquido no referido ano³⁶.

A recuperação do setor têxtil se iniciaria em 1931, mas ganharia corpo apenas a partir de 1933, como resultado da maturação de algumas medidas conjunturais: desvalorização real do câmbio em 1930-1931 que encareceu os preços dos artigos importados; elevação das tarifas de importação dos tecidos e fios de algodão em 1931; decreto 19.739, de março de 1931, que proibia a importação de novas máquinas têxteis e de outros setores; além do controle sobre as divisas (Suzigan, 2000, p. 162-163). Estas medidas ajudariam na recuperação do setor têxtil a partir de 1933, ano em que todos os indicadores do setor apresentaram crescimento – número de operários, capital, valor da produção e força motriz (Loureiro, 2006, p. 101).

No interregno entre 1929-1932, marcado pela crise aguda no setor têxtil, o ramo algodoeiro apresentou efêmera melhora em 1931, seguida da queda dos indicadores em 1932, ano em que diversas firmas têxteis tiveram suas atividades afetadas pela Revolução Constitucionalista³⁷. Estes anos foram pontuados por falências e paralisações de importantes empresas têxteis, conjuntura aproveitada pela Sociedade Anônima Fábrica Votorantim para aumentar sua capacidade produtiva através da compra de maquinário – que podia ser importado ou de concorrentes em dificuldades – que seria de grande valia para os números crescentes da produção mesmo em cenário de crise.

³⁶ No Relatório da Diretoria da SAFV para o ano de 1930 há o relato dos efeitos adversos deflagrados a partir Crise de 1929: “O ano de 1930 não correu bem para a indústria, em geral, tendo sido mau para a indústria têxtil, em particular. As diversas flutuações cambiais, ocorridas durante o ano e principalmente a crise que assoberba o País inteiro, trouxeram muita instabilidade nos negócios. As inúmeras falências verificadas no decorrer de 1930 também influíram consideravelmente na marcha dos negócios, causando prejuízos às casas atacadistas de tecidos e às fábricas” (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22/03/1931, p. 2327).

³⁷ Em 1932, o capital investido nas firmas algodoeiras, que era aproximadamente 20% menor do que em 1928, caiu 3,7% em relação a 1931; da mesma forma, a força motriz declinou 3% entre 1931 e 1932, juntamente com a queda do número de fábricas que foi de 1,2%. Quanto ao valor real da produção e o número de operários, em que pese apresentarem leve melhora entre 1931-1932, estes indicadores eram 22,7% e 19,4%, respectivamente, menores que em 1928 (Loureiro, 2006, p. 65).

Tabela 5: Número de operários, teares, fusos e força motriz (em cavalo-elétrico) da Fábrica Têxtil Votorantim (SAFV) e do setor algodoeiro paulista, 1928-1931

	1928		1929		1930		1931	
	SAFV	Setor Algodoeiro Paulista (%)	SAFV	Setor Algodoeiro Paulista (%)	SAFV	Setor Algodoeiro Paulista (%)	SAFV	Setor Algodoeiro Paulista (%)
Operários	3.400	7,33	2.455	8,38	2.269	8,77	2.817	7,95
Teares	1.300	5,69	1.390	5,58	1.466	5,62	1.498	6,02
Fusos	47.340	6,48	70.020	8,48	70.020	8,57	69.628	8,46
Força Motriz	3.400	7,25	4.000	7,43	4.000	7,97	4.000	7,53

Fonte: DEIC/SAIC/SP. Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1931.

Conforme a tabela 5, vemos que a Fábrica Votorantim tinha um peso importante no cômputo das firmas algodoeiras paulistas no que tangia à sua capacidade produtiva no final da década de 1920 e começo dos anos 1930. Mesmo no contexto da Crise de 1929 – que explica a derrocada no número de operários da empresa –, a quantidade de teares aumentou de 1.300 em 1928 para 1.498 três anos depois, bem como os fusos utilizados para elaboração dos fios de algodão. Estas máquinas implicaram em maior utilização de energia elétrica por parte da Fábrica Votorantim, que era responsável pelo consumo de quase 8% da força motriz na indústria algodoeira paulista. Esta ampliação no capital fixo possibilitou à Fábrica Votorantim tornar-se a principal empresa têxtil paulista, segundo o volume do capital investido, saindo da quarta posição em 1928 ao primeiro lugar em 1931, conforme a tabela 6 abaixo.

Tabela 6: Posição relativa da Fábrica Votorantim dentre as firmas têxteis do Estado de São Paulo, 1928-1937 – segundo o capital investido

Ano	1928	1929	1930	1931	1932	1934	1935	1936	1937
Posição	4°	2°	3°	1°	4°	2°	1°	1°	1°

Fonte: DEIC/SAIC/SP. Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1937.

A liderança da Fábrica Votorantim entre as firmas têxteis paulistas, posição alcançada em quatro vezes no período 1931-1937, conforme a tabela 6 acima, embasou-se, além dos investimentos em capacidade produtiva, na condição de grupo econômico, ou seja, a articulação de diversos empreendimentos dentro da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim. Em 1931, no contexto da crise que se abateu sobre a lavoura e a indústria, a SAFV decidiu financiar plantadores de algodão da região de Sorocaba e zonas próximas a fim de garantir o fornecimento de matéria-prima que, por sua vez, era

beneficiada em instalações próprias nas cidades de Cerqueira César, Itapetinga, Avaré e Conchas, possibilitando à Fábrica Votorantim superar seu recorde de produção³⁸.

Naquele ano, a produção têxtil da Fábrica Votorantim – tecidos crus, tintos, alvejados e estampados – valeu-se dos trilhos da Estrada de Ferro Elétrica Votorantim, que desde julho de 1928 fazia parte da rede ferroviária estadual, sendo que “Não é pequena a vantagem da circulação facilitada assim dos produtos da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim” (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 25/02/1932, p. 15). Acerca da Fábrica Rodovalho, corria a extração de paralelepípedos, que atendeu à demanda de três localidades em 1931, além de fornecer à SAFV. Da mesma forma, continuava a exploração de cal virgem e extinta nas Caieiras de Itupararanga³⁹ – que também atendia à Fábrica Votorantim –, bem como a venda de terrenos em São Caetano e no Brooklyn Paulista.

Os nexos produtivos entre as empresas do grupo SAFV já exibiam seu papel relevante nos lucros do grupo, como mostrado na tabela 3 anteriormente. Em 1927, a Fábrica Votorantim (têxtil) gerou 68% das receitas do grupo – uma queda em relação ao seu patamar médio de 80% –, enquanto a Seção de Terrenos respondeu por 13,3%, a Estrada de Ferro Elétrica por 13,7%, as Caieiras de Itupararanga por 4,2% e a Fábrica de Cimento Rodovalho por 0,8%. Naquele momento, a SAFV tinha um grande empreendimento imobiliário na cidade de São Paulo a partir de venda de seus terrenos no loteamento Brooklyn Paulista (atualmente Brooklyn Velho), iniciado em 1922. Conforme anúncio no jornal sorocabano O Cruzeiro do Sul em 1925, a SAFV vendia os terrenos a prestações sem juros e, ademais, por produzir materiais de construção – cal, cimento e tijolos em Itupararanga e Rodovalho – podia fornecê-los a preços menores, o que, segundo a publicação, era motivo da grande procura pelos terrenos e, para os

³⁸(SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 25/02/1932, p. 15). No Relatório da Diretoria para o ano de 1931 constava que “A fábrica de tecidos de algodão e seda de Votorantim operou no máximo de sua capacidade”.

³⁹ A empresa Caieiras de Itupararanga, localizada em Sorocaba e pertencente ao Grupo Votorantim, era segunda firma em volume de capital (1.071 contos de réis), empregando 78 operários, com uma força-motriz de 2 cavalos-elétricos e possuindo 1 forno para produção de cal. Nesta época, o setor de cal e cimento paulista era dominado pela Companhia Brasileira de Cimento Portland S. A. que, em 1931, tinha um capital de 25.000 contos de réis, empregava 481 trabalhadores, tinha força-motriz de 7.072 cavalos-elétricos e possuía 3 fornos que produziam cimento (DEIC/SAIC/SP. Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1931).

negócios do grupo, uma fonte de receitas que unia seus empreendimentos paralelos (SAFV, 1925).

Dessa forma, as ligações entre os empreendimentos permitiram à SAFV ampliar suas receitas nos anos 1920 e, em meio aos efeitos da Crise de 1929, retomar a valorização de seus ativos, bem como do patrimônio líquido, conforme a tabela 6 demonstrou, possibilitando ao grupo manter sua expansão e à Fábrica Votorantim, a atividade central do grupo, transformar-se na maior firma do setor têxtil paulista em 1931 e anos subsequentes.

5 – A situação patrimonial da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (1924-1931): relevantes ativos, boa solvência e os capitais de terceiros

Analisando os balanços patrimoniais da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (tabela 5 abaixo), percebemos que a SAFV tinha uma boa condição de solvência, notada pelo quociente de cobertura total (ativo permanente mais ativo circulante, dividido pelo passivo circulante) – maior que 1 em toda a série – a mostrar que para cada unidade monetária de dívidas havia mais do que 1 unidade de ativos reais para quitá-las, demonstrando robustez do grupo econômico mesmo com as adversidades da Crise de 1929.

Tabela 5: Balanços Patrimoniais da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, 1924, 1925, 1927, 1929, 1930 e 1931 (em contos de réis correntes)

Anos	1924	1925	1927	1929	1930	1931
Ativo Circulante	36.335	39.772	30.627	32.537	31.833	33.638
Caixa	88	65	196	50	78	90
Venda de terrenos	2.748	2.727	2.506	2.743	2.032	1.412
Selos de consumo	2	0	0	0	1	1
Devedores diversos	10.344	14.428	7.644	12.759	16.788	17.654
Clientes (Letras a receber)	9.513	8.398	7.865	7.766	6.194	7.884
Caução dos diretores	80	80	40	40	40	40
Estoque de mercadorias e matérias-primas	13.560	14.074	12.376	9.179	6.700	6.557
Ativo Permanente	34.713	35.646	54.360	41.813	41.357	41.889
Edifício da Fábrica, terrenos e vila operária, fábrica de cimento Rodovalho, caieiras de Itupararanga, Estrada de Ferro Elétrica Votorantim, maquinismos, ferramentas, utensílios, incluindo imóveis, etc.	32.500	34.170	35.416	24.292	24.635	25.217
Terrenos diversos e propriedades agrícolas	1.084	1.043	1.459	1.590	1.777	1.746

Debêntures em carteira	607	235				
Ações	124	74	1.947	968	967	967
Acionistas			13.500	13.500	13.500	13.500
Móveis e utensílios			85		56	25
Despesas e prêmio de reembolso do empréstimo externo			1.691	1.463	359	168
Contas a liquidar	398	124	262		63	171
Seguros a vencer						82
Plantação de eucaliptos Brooklyn Paulista						13
Ativo Total	71.048	75.418	84.987	74.350	73.190	75.527
Passivo Circulante	49.190	51.176	46.909	50.304	48.887	48.954
Empréstimo externo			15.026	14.921	14.236	17.236
Emissão de debêntures	1.834	1.435	1.435	1.435	1.435	1.435
Diversos credores	21.729	20.230	11.569	23.412	25.863	23.423
Letras a Pagar	9.982	14.818	10.343	970	703	190
Títulos descontados e caucionados	8.935	8.355	6.509	6.966	4.883	4.854
Seção de terrenos	1.554	1.434	1.123	2.141	1.237	407
Serviços médicos	50	26		6	4	14
Porcentagem dos diretores	599	221	25	9	17	153
Salários a pagar	564	434	496	264	242	438
Depósito dos diretores	80	80	40	40	40	40
Debêntures sorteadas e juros não reclamados		3				
Fundo de depreciação	3.863	4.140				
Impostos			208		10	129
Diferença de tipo sobre o resgate antecipado de debêntures			135	140	217	217
Contas a liquidar						418
Patrimônio Líquido	21.917	24.190	38.079	24.044	24.304	26.586
Capital	5.000	5.000	20.000	20.000	20.000	20.000
Reservas	11.519	11.796	17.762	3.927	3.984	4.818
Lucros suspensos		5.398				
Lucros e perdas	5.398	1.996	317	117	320	1.768
Passivo Total	71.107	75.366	84.988	74.348	73.191	75.540
Indicadores financeiros						
Quociente Cobertura Total	1,444	1,474	1,811	1,478	1,497	1,542
Liquidez Corrente	0,738	0,777	0,652	0,646	0,651	0,687
Quociente Rentabilidade Patrimônio Líquido	0,246	0,306	0,008	0,005	0,013	0,066
Quociente Rentabilidade do Ativo	0,076	0,098	0,004	0,002	0,004	0,023
% Capital de Terceiros no Ativo Total	69,2	67,8	55,2	67,7	66,8	64,8
% Capital Próprio no Ativo Total	30,8	32,2	44,8	32,3	33,2	35,2
Estrutura Capital: Participação Capital de Terceiros	2,244	2,115	1,231	2,092	2,011	1,841
Imobilização do Capital	1,584	1,473	1,427	1,739	1,702	1,576

Fonte: SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14/02/1925, p. 1233; 12/02/1926, p. 1243; 16/02/1928, p. 1953; 22/03/1931, p. 2327; 25/02/1932, p. 15.

NOTA: Os dados foram extraídos dos Balanços Patrimoniais publicados no Diário Oficial do Estado de São Paulo e agregados em “Ativo Circulante”, “Ativo Permanente”, “Ativo Total”, “Passivo Circulante”, “Patrimônio Líquido” e “Passivo Total” pelo autor. Os índices foram elaborados pelo autor. A diferença entre Ativo Total e Passivo Total em alguns anos é devido ao arredondamento dos dados. A organização da tabela teve como modelo o trabalho de Marson (2013, p. 17).

Por sua vez, os indicadores de rentabilidade do patrimônio líquido (lucros que passam para o próximo ano dividido pelo patrimônio líquido) e do ativo (lucros que passam para o próximo ano dividido pelo ativo total) da SAFV demonstram uma condição favorável nos anos 1924-1925 – 30,6% e 9,8% em 1925 –, mas uma queda grande em 1927 – os indicadores de rentabilidade declinaram para menos de 1% - devido a uma crise na indústria têxtil paulista, marcada pela concorrência com artigos têxteis estrangeiros no mercado nacional, o que aponta a consonância dos resultados financeiros da empresa com as flutuações do setor naquele momento. As adversidades foram agravadas em 1929, com os efeitos negativos da Quebra da Bolsa de Nova Iorque sobre a demanda de têxteis, que derrubou ainda mais a rentabilidade da SAFV naquele ano, contudo, sem torná-la negativa. Mas, rapidamente, já em 1930, a rentabilidade do patrimônio líquido e do ativo foi retomada junto ao crescimento dos negócios da SAFV, uma das primeiras firmas têxteis paulistas a sair da crise econômica.

O financiamento da SAFV, entre 1924-1931, deu-se prioritariamente através do capital de terceiros (passivo circulante dividido pelo ativo total), que tiveram uma participação de 65% em relação ao ativo total, enquanto 35% vinham de capital próprio (patrimônio líquido dividido pelo ativo total). Esta condição é corroborada pelo indicador da estrutura de capital (passivo circulante dividido pelo patrimônio líquido), a mostrar que para cada unidade monetária de capital próprio investida, havia em média 2 unidades de capitais de terceiros, por exemplo, como em 1927, quando a SAFV, em meio à crise no setor têxtil paulista, tomou um empréstimo em Londres com um prazo de 20 anos para pagá-lo⁴⁰.

Esta necessidade de recursos de terceiros explicava-se pelos valores elevados do indicador de imobilização do capital (ativo permanente dividido pelo patrimônio líquido), uma vez que, um valor equivalente a 158% do patrimônio líquido estava

⁴⁰ (SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22/03/1931, p. 2327).

investido no ativo permanente, ou seja, boa parte do capital próprio da empresa encontrava-se imobilizado. Esta peculiaridade evidencia-se no indicador de liquidez corrente (ativo circulante dividido pelo passivo circulante), pois para cada unidade de dívida de curto prazo, a SAFV tinha uma média 0,7 unidades monetárias de ativos de curto prazo (disponibilidades) para quitar o débito. A baixa liquidez corrente poderia indicar um problema de solvência ao grupo no curto prazo, todavia, o elevado montante de capital imobilizado poderia servir como garantia à obtenção de empréstimos bancários e demais captações junto a terceiros, o que garantiu a evolução dos negócios da SAFV entre 1924-1931 em conjunto a uma estável condição de solvência indicada pelo quociente de cobertura total, como visto acima.

Dessa forma, a condição financeira da SAFV entre 1924-1931, em que pese ter sofrido com quedas no ativo e patrimônio líquido durante a erupção da Crise de 1929, permaneceu robusta em um interregno marcado por falências de concorrentes. A relevância de seus ativos permitiu ao grupo manter o fluxo de capitais de terceiros, inclusive recorrendo a um empréstimo em banco inglês. Ademais, a rentabilidade do grupo, elevada antes da crise econômica mundial e que recuou em 1929, voltou a se expandir em 1930 e 1931, apontando para anos posteriores em que a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim se consolidaria no posto de principal firma têxtil do Estado de São Paulo.

Considerações finais

O artigo buscou evidenciar os elementos fundamentais que levaram a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim a tornar-se a maior firma têxtil paulista na década de 1930. O ponto de partida desta trajetória foi a compra por Antonio Pereira Ignácio da Fábrica Votorantim e as demais empresas componentes do grupo (Caieiras de Itupararanga e Estrada de Ferro Elétrica Votorantim), aos quais ele agregou a Fábrica de Cimento Rodovalho, compondo o grupo econômico SAFV.

Dotado de um considerável rol de ativos, sendo a fábrica têxtil o principal, a SAFV passou por uma renovação de seus equipamentos na década de 1920, em uma onda de investimentos que replicava o cenário têxtil paulista naquele momento. Da parte do Grupo Votorantim, estes investimentos tinham como fonte os capitais de

terceiros e os lucros próprios, através de uma política contínua de não distribuição de dividendos aos acionistas, implementada pelo controle familiar do grupo e avalizada pelo Conselho Fiscal.

A eficiência das medidas administrativas da SAFV mostrou-se no contexto da Crise de 1929, quando diversos concorrentes paralisaram suas atividades. Ao contrário, a SAFV ampliou sua capacidade produtiva, inclusive tendo produção recorde em 1931. A possibilitar seu crescimento durante a crise econômica, estava a sua condição de grupo econômico, pois a ferrovia, produção de cal e cimento, financiamento de produtores, descaroçamento do algodão serviram para manter o fluxo produtivo da empresa quando as congêneres soçobravam, dando à Fábrica Votorantim a oportunidade de se tornar a maior firma têxtil paulista na década de 1930 e, mais do isso, consolidar-se como um grande grupo econômico brasileiro, posição que mantém até hoje.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

DEIC/SACOP/SP. *Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio para o ano de 1922*. São Paulo: fevereiro e março de 1922.

DEIC/SAIC/SP. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1937*.

EFEV. *Breve histórico da Estrada de Ferro Elétrica Votorantim (EFEV)*. São Paulo: S. A. Indústrias Votorantim.

SAFV. *Livro Diário da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim (SAFV) para o ano de 1918-1919*. São Paulo: Centro de Memória do Grupo Votorantim.

SAFV. *Balanço da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim para o ano de 1923*. São Paulo: Centro de Memória do Grupo Votorantim.

SAFV. *Anúncio publicitário no jornal O Cruzeiro do Sul sobre a venda de terrenos no Brooklyn Paulista, ano de 1925*. São Paulo: Centro de Memória Votorantim.

SÃO PAULO. *Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1921-1940*. Consulta aos balanços contábeis, demonstrações de lucros e perdas, e aos relatórios de diretoria da Sociedade Anônima Fábrica Votorantim.

Demais referências

- ALDRIGHI, Dante Mendes e POSTALI, Fernando A. S. *Business groups in Brazil*. In: COLPAN, A. M.; HIKINO, T.; LINCOLN, J. R. The Oxford Handbook of business groups. Oxford University Press, Oxford, 2010.
- AURELIANO, Liana. *No limiar da industrialização*. Campinas, SP: UNICAMP/IE, 1999.
- BAER, Werner. *A industrialização e o Desenvolvimento Econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- BAER, Werner. *A economia brasileira*. São Paulo: Nobel, 2002.
- BARBERO, M. I. *Los grupos económicos en la Argentina en una perspectiva de largo plazo (siglos XIX y XX)*. In: JONES, G.; LLUCH, A. El Impacto Histórico de la globalización en Argentina y Chile: empresas y empresarios. Buenos Aires: Temas, 2011.
- BONELLI, Regis. *As estratégias dos grandes grupos industriais brasileiros nos anos 90*. Brasília: Ipea, Texto para Discussão 569.
- CALDEIRA, Jorge. *Votorantim 90 anos: uma história de trabalho e superação*. São Paulo, SP: Mameluco, 2007.
- CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. T. A. Queiroz, 1981.
- CANO, Wilson. Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. *Revista Economia*, Brasília(DF), v.13, n. 3b, p.897–916, set/dez 2012.
- CARONE, E. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- CHANDLER, A. D. *Strategy and structure: chapters in the history of the industrial enterprise*. Cambridge: The MIT Press, 1962.
- CHANDLER, A. D. *The visible hand: the managerial revolution in American business*. Cambridge, MA: Belknap Press, 1977.
- CHANDLER, A. D. *Scale and scope: the dynamics of industrial capitalism*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.
- COLPAN, Asli M. e HIKINO, Takashi. *Foundations of business groups: towards an integrated framework*. In: COLPAN, A. M.; HIKINO, T.; LINCOLN, J. R. The Oxford Handbook of business groups. Oxford University Press, Oxford, 2010.
- DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.
- FERNÁNDEZ-PEREZ, Paloma. The study of family businesses from a global perspective: possibilities and limitations. *História Econômica & História de Empresas*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 147-167, 2010.
- FERNÁNDEZ-PEREZ, Paloma e CASANOVA, Lourdes. *Algunas claves de la longevidad de las grandes empresas familiares brasileñas*. *Apuntes*, Universidad del Pacífico, v. 39, n. 70, p. 273-300, 1º semestre 2012.
- FRITSCH, Winston. *Apogeu e crise na Primeira República: 1900-1930*. In: ABREU, Marcelo de Paiva. A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana – 1899-1989. Rio de Janeiro: Campus, p. 31-72, 1989.
- GONÇALVES, R. Grupos econômicos: uma análise conceitual e teórica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 491-518, out./dez. 1991.

GONÇALVES, Reinaldo. Capital financeiro, bancário e industrial no Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, SP, (13), p. 179-189, dez. 1999.

GRANOVETTER, Mark. *Business groups and social organization*. In: SMELSER, Neil J. e SWEDBERG, Richard. *The handbook of economic sociology*. Oxfordshire: Princeton University Press, Princeton, 2005.

HANLEY, Anne G. *Native capital: financial institutions and economic development in Sao Paulo, Brazil, 1850-1920*. Stanford, Calif.: Stanford University, 2005.

KHANNA, Tarun e YAFEH, Yishay. Business Groups in Emerging Markets: Paragons or Parasites? *Journal of Economic Literature*, Vol. XLV, p. 331-372, junho 2007.

KIM, Daekwan.; KANDEMIR, Destan; CAVUSGIL, S. Tamer. The role of family conglomerates in emerging markets: what western companies should know. *Thunderbird international business review*, v. 46, p. 13 – 38, jan/feb 2004.

LEFF, Nathaniel. Industrial organization and entrepreneurship in the developing countries: the economic groups. *Economic development and cultural change*, 26, 661-675, março, 1978.

LLOYD, Reginald et. al. *Impressões do Brasil no século vinte*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

LOUREIRO, Felipe P. *Nos fios de uma trama esquecida: a indústria têxtil paulista nas décadas pós-Depressão (1929-1950)*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LUZ, Nícia V. *A luta pela industrialização do Brasil: 1808 a 1930*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARCONDES, Renato Leite. Crédito privado antes da grande depressão do século XX: o mercado hipotecário. *Estud. Econ.* [online]. 2014, vol.44, n.4 [cited 2015-04-30], pp. 749-786.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*, volume 2. São Paulo: EDUSP, 2009.

MELLO, J. M. C. *O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. Campinas: Facamp/Editora da UNESP, 2009.

MUSACCHIO, Aldo. *Experiments in financial democracy: corporate governance and financial development in Brazil, 1882-1950*. New York: Cambridge University Press, 2009.

NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: UNICAMP, 1996.

PENROSE, Edith T.. *A teoria do crescimento da firma*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. São Paulo, SP: Hucitec: Editora da UNICAMP, 1988.

SAES, Flávio A. M. *Crédito e bancos no desenvolvimento da economia paulista, 1850-1930*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

SAES, Flávio A. M. e NOZOE, Nelson. *A indústria paulista da crise de 1929 ao plano de metas*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 34, 2006, Salvador. Anais... Niterói: ANPEC, 2006.

- SANTOS, L. B. *Reestruturação, internacionalização e novos territórios de acumulação do Grupo Votorantim*. Presidente Prudente, SP: FCT/UNESP, dissertação de mestrado, 2008.
- SILVA, Gustavo P. *Uma dinastia do capital nacional: a formação da riqueza dos Lacerda Franco e a diversificação na economia cafeeira paulista (1803-1897)*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, tese de doutorado, 2011.
- SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 8.ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1995.
- STEIN, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850-1950*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- SUZIGAN, Wilson. A Industrialização de São Paulo: 1930-1945. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 89-111, 1971.
- SUZIGAN, W. *Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Unicamp, 2000.
- VERSIANI, Flávio Rabelo; VERSIANI, Maria Teresa. *A indústria brasileira antes de 1930: uma contribuição*. In: VERSIANI, Flávio Rabelo; MENDONÇA DE BARROS, José Roberto. *Formação econômica do Brasil: período republicano*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- História Econômica & História de Empresas*. São Paulo, v. 4., n. 1, p. 48-91, 2001.
- VILLELA, Aníbal V. e SUZIGAN, Wilson. *Política do governo e crescimento da economia brasileira, 1889-1945*. Rio de Janeiro: IPRA/INPES, 1973.

Anexo 1: As maiores fábricas têxteis do estado de São Paulo, 1928-1937 - segundo o capital investido (em mil réis)

1928							
Companhia	Local	Capital (em mil réis)	Operários	Teares	Fusos	Força Motriz (em cavalo-elétrico)	Ramo de atuação
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	44.000.000	3.500	1.545	20.772	4.200	tecidos de juta
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	26.000.000	700	525	10.000	679	tecidos de algodão
Cotonifício Rodolpho Crespi S. A.	Capital	22.936.000	3.000	1.120	46.000	3.000	tecidos de algodão
Soc. Anon. Fábrica Votorantim	Sorocaba	20.000.000	3.400	1.300	47.340	3.400	tecidos de algodão
1929							
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	48.578.000	3.311	20.772	1.576	4.424	tecidos de juta
Soc. Anon. Fábrica Votorantim	Sorocaba	34.921.000	2.455	1.390	70.020	4.000	tecidos de algodão
Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira	Capital	28.950.000	1.053	560	0	600	tecidos de seda
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	26.000.000	703	525	10.000	679	tecidos de algodão
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	25.215.000	1.200	1.100	42.000	2.721	tecidos de algodão
1930							
Cotonifício Scarpa S. A.*	Capital	60.000.000	0	1.041	36.816	2.450	tecidos de algodão
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	40.000.000	3.311	1.576	20.772	4.424	tecidos de juta
Soc. Anon. Fábrica Votorantim	Sorocaba	34.236.549	2.269	1.466	70.020	4.000	tecidos de algodão

São Paulo	Capital	23.762.600	367	300	10.000	775	tecidos de algodão
Alpargatas Company S. A.							
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	22.803.660	1.121	1.100	42.000	2.721	tecidos de algodão
1931							
Soc. Anon. Fábrica Votorantim	Sorocaba	38.671.849	2.817	1.498	69.628	4.000	tecidos de algodão
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	37.000.000	3.311	0	20.772	4.424	tecidos de juta
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	24.411.000	1.435	1.146	40.960	2.109	tecidos de algodão
São Paulo	Capital	23.413.000	597	606	20.828	1.000	tecidos de algodão
Alpargatas Company S. A.							
Tecelagem de Seda Brasileira	Capital	22.572.000	1.500	582	0	600	tecidos de seda
1932							
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	37.000.000	1.521	1.576	20.772	4.424	tecidos de juta
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	27.084.000	1.194	1.145	40.960	1.880	tecidos de algodão
São Paulo	Capital	24.700.000	662	600	16.300	850	tecidos de algodão
Alpargatas Company S. A.							
Soc. Anon. Fábrica Votorantim	Sorocaba	23.614.671	2.995	1.518	68.028	4.000	tecidos de algodão
S. A. Tecelagem de Seda Brasileira	Capital	22.572.000	1.144	592	0	600	tecidos de seda
1933							
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	85.798.000	1.521	1.576	20.772	4.424	tecidos de juta
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	30.245.000	1.901	1.145	40.960	1.880	tecidos de algodão
Cotonifício Rodolpho Crespi S. A.	Capital	16.152.428	2.054	728	32.798	3.390	tecidos de algodão
Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo	Capital	16.000.000	1.878	1.972	48.640	3.018	tecidos de algodão
São Paulo	Capital	16.000.000	699	600	16.300	500	tecidos de algodão
Alpargatas Company S. A.							
1934							
Companhia Nacional de Tecidos de Juta	Capital	110.197.000	1.521	1.576	20.772	4.424	tecidos de juta

Soc. Anon.	Sorocaba	67.091.939	3.785	1.580	67.640	4.000	tecidos de algodão
Fábrica Votorantim							
Companhia Nacional de Estamparia	Sorocaba	43.721.883	1.770	1.145	40.960	2.090	tecidos de algodão
Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "Jafet" S. A.	Capital	36.741.410	1.952	1.449	45.000	1.800	tecidos de algodão
S. A. Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira	Capital	35.994.036	1.201	637	0	600	tecidos de seda
1935							
Soc. Anon.	Sorocaba	68.928.060	3.830	1.580	67.640	4.482	tecidos de algodão
Fábrica Votorantim							
Cotonifício Rodolpho Crespi S. A.	Capital	58.232.694	2.799	728	4.000	4.972	tecidos de algodão
S. A. Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira	Capital	47.631.707	1.261	626	0	680	tecidos de seda
Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo	Capital	37.936.328	2.296	1.972	55.216	4.927	tecidos de algodão
Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "Jafet" S. A.	Capital	37.520.842	2.391	1.600	45.000	2.500	tecidos de algodão
1936							
Soc. Anon.	Sorocaba	68.928.060	3.400	1.580	67.412	4.000	tecidos de algodão
Fábrica Votorantim							
Companhia Brasileira de Linhas para Coser S/A	Capital	45.901.179	1.270	0	0	2.778	cordas, cordeis, barbantes, fitilhos e linhas para coser e bordar
S. A. Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira	Capital	40.538.861	1.631	561	0	830	tecidos de seda
Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo	Capital	37.261.334	2.432	1.973	55.216	5.201	tecidos de algodão
Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo	São Bernardo	36.614.014	1.343	0	0	5.200	tecidos de seda
Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "Jafet" S. A.	Capital	34.000.000	2.728	1.600	45.000	2.700	tecidos de algodão
1937							
Soc. Anon.	Sorocaba	61.641.365	3.500	1.580	67.068	4.000	tecidos de

Fábrica Votorantim							algodão
Companhia Nitro- Química Brasileira	São Miguel	59.000.000	1.700	0	0	4.900	tecidos de seda
Companhia Brasileira de Linhas para Coser S/A	Capital	54.224.239	1.397	0	0	3.100	cordas, cordeis, barbantes, fítilhos e linhas para coser e bordar
S. A. Tecelagem de Seda Ítalo- Brasileira	Capital	39.109.443	1.710	696	0	922	tecidos de seda
Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "Jafet" S. A.	Capital	35.000.000	2.745	1.600	47.884	3.200	tecidos de algodão

Fonte: SÃO PAULO. Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1937.

Nota: em 1930, o Cottonifício Scarpa S. A., em que pese constar como a principal firma têxtil segundo o capital investido, tinha naquele momento suas atividades paralisadas.